

O Pregão de S. Nicolau

Recitado em 5 de Dezembro de 1944

pelo sextanista

Vasco de Oliveira Bastos

Este «Pregão» dedico-o à nossa Ser'Aninhas,
Aquele que aturou as estroinices minhas
E a quem nunca paguel um calo de almirantes...
— Mania assás revelha em bolsa de estudantes... —
Meu calote atingiu o cume de um tostão...
Com juras hoje, pois, liquido-o no «Pregão»,
Pedindo-lhe clemência, aqui, de mãos erguidas,
P'ra meus distúrbios maus e minhas ruínas partidas...

Que a santa me perdoe a dívida *barbada*
De há quasi meio séc'lo e hoje afinal... saldada...

Minerva Vimaranesa. 5-12-44. 2000 ex

A Tradição não morre, a Tradição é eterna!
Que o derrotismo varra o seu agoiro tolo...
A nossa Festa é o facho, é a luz duma lanterna
Gigante a iluminar a Graça polo a polo...

Banir a Tradição seria a treva enorme,
O supremo atentado à Luz da Humanidade!
Há a força de Deus, poder que nunca dorme,
Que revigora a Fé, a Crença, a Santidade.

Enquanto em nossa Terra esvoaçar ao vento
A capa do estudante, a velha capa preta,
Não faltará ao Santo egrégio luzimento,
Terá sempre a cantá-lo a lira dum poeta.

Enquanto em Guimarães houver lindas donzelas,
Um coração que pulse, um peito levantado,
Será a nossa Festa um céu cheio de estrelas,
S. Nicolau será o nosso Santo amado!...

* * *

Quando é que findará o inferno dêste mundo?...
Quando é que os homens bons darão o fim à guerra?...
O vento é cada vez mais rijo e furibundo,
Sacode, lés a lés, o mar, o céu, a terra!...

Tudo o vento levou!... É um *gangster* o vento!...
Pior que o *Lampeão*, horrendo qual *Landru*,
Ele mia, assobia e uiva em movimento,
Tem o rabo maior que o próprio Belzebu...

Tudo o vento levou!... Levou o bacalhau
O único fiel amigo do *Zé-Broa*...
O vento, francamente, é mau, é muito mau!...
— Mas quem lhe chame bom inda há muita pessoa... —

Levou-nos a arroz, aquele arroz de frango
Malandro, bailarino, aos pinchos, gordoroso,
Aquele arroz no tacho a latejar em tango...
Levou o seu irmão de forno saboroso...

Tudo o vento levou!... Levou-nos o azeite,
A gota da candeia e do badejo assado...
Levou, por baptizar, o deleitoso leite,
Mais branco que o luar, purinho no canado...

Visado pela Comissão de Censura.

Tudo o vento levou!... Levou-nos as batatas,
Levou-nos o feijão de arrôto estomacal...
Levou-nos o atum, sardinhas, tudo em latas,
E levou-nos da Pisca o célebre naball...

Tudo o vento levou! Levou-nos as ervilhas,
Os ovos, o presunto, as pencas, os tomates,
Tudo, tudo levou para um milhão de milhas,
Com silvos, repêlões e trágicos embates...

Tudo, tudo levou!... Até o Rei-Afonso
Levado a novo pôsto, o quanto sofre lá!...
Acha o lugar deserto, um tanto só, esconso,
Não tem o seu Tournal, a vida, o *bruháhá*...

.....

Perdão: nem tudo foi... Muito ficou, perdão...
Ficaram os toneis a abarrotar de vinho...
Lá em cima, na Avenida, a *casa da Estação*
E o *grande monumento* ao nosso Molarinho...

Ficaram, que tormento! os açambarcadores,
Tão *amigos* do Zé, do típico lanzudo,
A fazerem na sombra uns *jeitos*, uns *favores*,
Que nos levam camisa, a carne, o ôsso e... tudo...

Ficou muita caleira aberta nos beirais
E ficou a *carroça* imunda do Correio!...
Ficaram num Café os *Intelectuais*
E os *palavrões da rua* em vivo tiroteio...

Ficou a linda Penha um tanto ao abandono,
Ficou a *Antoninha imperial*, correcta...
No pedestal ficou mais triste o Pio-Nono
Por já não ver na estrada a morta *caminheira*...

Ficou o arraial de imundas sardineiras,
Sem postura a calcar *posturas* torto e d'reito...
Ficaram os montões de pedras e pedreiras
Do projecto que foi quási ao nascer desfeito...

Ficou, ficou o Vitória!... E' duma *cara* só!...
Eh! lá, rapaziada! o *campeonato* é justo!
Vêde o *Tónio-Martins*, mais alto e mais líró,
Num grande abraço ao mestre, ao velho Alberto Augusto!

Ficou... mas não se diz... Agora isto é segredo...
— Se o não revelo, aqui, rebento e sinto mágua... —

P'ra nós, muito baixinho, a coisa vai a medo!
Ficou a grande *bicha*, a enorme *bicha de água*!...

* * *

Como da praxe antiga é proibida a entrada
À sovela e balcão na Festa Nicolina...
Minerva o quere assim, a Deusa não quer' nada
Com quem não tem sebenta e quem não traz batina...

* * *

Tricanas que fiais e que teceis o linho,
Lindas colchas de sêda e teias de riscados:
Connosco conjugai o verbo amar, *limpinho*,
Que nós damos lições de mestres consagrados...

E vós, ó rouxinóis, gaiatas costureiras,
Que trinais, ao rodar das máquinas, canções:
Vinde com vossas mãos de magas feiticeiras
Nossas capas cerzir, cheiinhas de rasgões...
... Que galantes que sois na chita do vestido,
Chita que vos ondula o corpo em mil carícias!...
Bendito êsse *Concurso* esplêndido, garrido,
Que a Portugal lançou o popular "*Notícias*".

* * *

Senhoras: numa quadra eu sintetiso o Céu
Do vosso Olhar de Luz na luz dos nossos olhos...
Que seja eternizada a luz que Deus vos deu
Na luz do nosso amor rezado de gíolhos...

Senhoras: as maçãs são pomos de oiro e rosa,
As tereis, amanhã, em lanças faiscantes...
A nossa *Oferta* é assim, gentil, cavalheirosa,
De brazão ancestral a *Oferta* de estudantes...

Camaradas: ao alto as vossas maçanetas!...
A hoste não desarma!... A luta é hoje acesa!...
No campo vencerão e morrerão atletas,
Rugindo, praguejando em rábida fereza!...

Dos *Zabumbas* fazei vossos canhões pesados,
Das *Caixas* manejai letais metralhadoras!...
Que fiquem do ruído os povos assombrados,
Que êle seja maior que as *bombas voadoras*!...

Dezembro de 1944.

Delfim de Guimarães.